

A REVOLTA DO FEIJÃO

Dora Acioli

Já haviam se passado quinze minutos na fila do bandejão. Tomás fora um dos últimos a ser liberado e, desde então, já presenciara duas vezes (de seu lugar desprivilegiado) a reposição da comida. Era o último da fila, mas isso não o incomodava. Afinal, mesmo com as portas sendo fechadas atrás de si, ele conseguiria realizar a sua refeição.

Na sua frente, estavam os colegas de classe. Por ser tímido, não costumava participar das brincadeiras da turma. Ainda assim, simpatizava com eles e gostava de sua companhia. Vale notar também que, ultimamente, vinha fazendo um esforço para interagir mais; se envolvendo nas conversas ao acrescentar uns resmungos e “arrãs”. Nesse espírito batalhador, limpou a garganta para melhor articular.

- O que tem hoje? - Ele disse, confiante.
- Não sei, mas tem feijão. - Respondeu a colega.
- Feijão é vida. - Concordou o amigo.
- É tudo que importa. - Ela acrescentou, com um sorriso.

Após pegarem os pratos e talheres, os companheiros começaram a servir-se, felizes. Tomás havia botado arroz e estava pronto para prosseguir para os restos da salada quando a amiga - já com o prato completo - ergueu as sobrancelhas, e questionou:

- Não vai colocar o feijão?
- Não tem mais. - Ele deu de ombros.

Os colegas ficaram boquiabertos, com olhares indignados. Numa tentativa de amenizar os ânimos alheios, nosso herói deu um meio sorriso e disse que não havia problema.

- Óbvio que tem! - A menina rapidamente rebateu. - Você esperou até agora pelo feijão.
- Na verdade, eu...
- Vocês não vão repor, não? - O colega perguntou, se dirigindo à moça que servia a comida.
- Não, já encerramos. - ela respondeu, impassível.

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

Os amigos se entreolharam por alguns segundos. Nesse rápido momento, chegaram a um acordo visual que passou despercebido por Tomás, que ficara distraído com uma coceira no nariz. Mais tarde, viria a acreditar que - mesmo que tivesse prestado atenção - jamais estaria preparado para a harmoniosa artilharia conjunta que se sucedeu.

Após um breve suspiro, os colegas abriram fogo.

- Senhora, ele esperou *até agora*.
- Ele ficou na chuva por quinze minutos.
- E a fila não andava.
- O cabelo dele agora tá com cheiro de cigarro.
- E ele *odeia* esse cheiro.
- Uma vez ele me disse que tinha anemia.
- Da última vez que ele não comeu feijão, desmaiou na sala.
- Caiu da cadeira e tudo.

Tomás se sentiu comovido. Mal conhecia aquelas pessoas e, mesmo assim, lá estavam elas, lutando pelo seu direito de obter ferro e cálcio. Com os olhos marejados, observou com surpreendente afeto a situação que se desenrolava. A moça, no entanto, não parecia impactada por aquela troca. Virou-se para ele, pronta para dar um fim naquilo. E então, notou seus olhos.

- Meu Deus, menino! Também não precisa chorar! - Ela pausou, olhando de soslaio para a cozinha. - Ok, vou pegar um pouco pra você. Mas saiba que vai ser só dessa vez.

Ele sorriu, emocionado e agradeceu. Seus companheiros vibraram, trocando batidas de bandejas e risadas calorosas.

Após alguns minutos, todos finalmente sentaram, satisfeitos. Ouvindo a conversa dos amigos, Tomás deu uma garfada e não pode evitar estranhar a presença daquela coisa preta que ele associava ao gosto de terra.

Nunca gostara muito de feijão.